

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N.10

ANO 10
OUTUBRO.2017
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “ΤΟΠΟΝ”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

VICE-PRESIDENTE

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

TESOUREIRO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

SECRETÁRIA

Maria Edna de Melo Silva

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Fernando Barbosa de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Fernando Barbosa de Almeida

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Socorro Tenório

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão

FOTO DE CAPA

Daniele Queiroz



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

DA SUPERFICIALIDADE DAS PALAVRAS À CO- MUNICAÇÃO FECUN- DA DA ARTE: O SUJEITO DESEJO PELA OBRA DE ANISH KAPOOR¹

STELLA MARIS S. MOTA

Psicóloga Clínica (CESMAC) e Psicanalista (GPAL), Especialista em
Psicologia Social (UFAL), Mestra em Literatura Brasileira (UFAL).

RESUMO

A percepção que temos dos objetos é atravessada pelas convenções culturais que se interpõem entre o nosso olhar e o objeto percebido. Isso deixa as relações objetais na superficialidade. No contexto contemporâneo, a arte de Anish Kapoor inquieta-nos porque não define, mas dá possibilidades para a projeção do

desejo através das novas perspectivas da ocupação do espaço; através do uso das cores carnavais, na sugestão das texturas; como se nos apresentasse o nosso próprio vazio, lá onde a palavra não nomeia, mas onde existimos.

¹ _____
Trabalho apresentado na mesa redonda organizada pelo GPAL na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, 2017.

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

A arte de Anish Kapoor é vasta, por isso, para ilustrar esta nossa reflexão, escolhemos a escultura *Cloud Gate*. Tal peça encontra-se no *Millennium Park*, em Chicago, e foi erguida entre 2004 e 2006 e curiosamente “nomeada” pelo público de *The bean*. Confeccionada em aço inoxidável, com sua superfície extremamente polida, ao mesmo tempo em que reflete o panorama urbano da cidade também o distorce.

Medindo 10 m x 20 m x 13 m e tendo seu arco com 3,7 m de altura, tem a forma de um imenso grão de feijão, daí o seu apelido, ou,

como parece ter desejado o autor, a forma de uma grande ponte. O fato é que, a partir de um significante, ela sugere inúmeros significados, causando aos que passam e a veem o interesse de se aproximar e explorá-la.

Nesta reflexão, não será a amplitude da arte o nosso ponto central, mas nos utilizaremos, especificamente, da originalidade daquilo que na arte de Anish Kapoor, concede possibilidades de espelhamentos para o olhar e a projeção dos desejos do espectador.



No universo kapooniano, tudo é sugestão, sedução perpétua, voluptuosidade. Ao mesmo tempo em que nos parece apresentar o vazio, instiga-nos a perceber a dinamicidade que se opera na obra, diante do nosso olhar.

Em suas esculturas, entre um corpo e outro há matéria e fantasia, matéria e potência de ser, matéria e imaginação, pois colocando o espectador dentro da cena artística, Kapoor devolve-lhe, por meio da imagem especular, a perturbadora contemplação.

As cavidades escuras, embora sejam muito simples, dão a sensação de mistério, campo fértil para a projeção imaginativa.

A superfície extremamente polida de sua escultura reflete e recria constantemente a cena, trazendo, como no sonho, a dinamicidade das operações psíquicas.

Na obra de Kapoor nada é conclusivo, nada cabe num conceito. Todas as formas abrem-se para algo que ele mesmo pensa ser universal, mas mantém a singularidade. Como ele mesmo disse (Kapoor, 2016), “...de certa forma é algo que se pode palpar, que vai além do significado, é um instante... de um modo intuitivo e às vezes tonto”.

Filho de pai judeu e mãe judia, nascido em Bombaim – Índia, Kapoor foi educado na Grã-Bretanha e seus trabalhos têm a marca da “busca dos símbolos que são universais” (Kapoor, 2016), o que nos faz refletir sobre a questão da falta e do desejo na constituição do inconsciente.

Kapoor trabalha sempre com materiais naturais: mármore, granito e pigmentos vermelho carnal. Sua preocupação não está na demonstração da técnica perfeita em esculpir para representar o objeto, como era imperativo em tempos não tão remotos na história da arte. Seu propósito está em apresentar **ideias**. O sentido do efêmero e da delicadeza estão presentes na escolha da matéria-prima e configura todos os seus trabalhos, trazendo uma certa economia no discurso sobre sua arte, como ele mesmo os descreve:

O pigmento é um material muito físico, tridimensional, atual e ao mesmo tempo é efêmero. É tão efêmero que podemos soprá-lo e ele, objeto, toma a forma presente, ainda que seja algo muito físico (Kapoor, 2016).

Podemos inferir que a arte não é para ser entendida, emoldurada nos aspectos técnicos ou descrita pela crítica; mas é um campo para a contemplação, para a ilusão, e por isso, propícia para a projeção dos desejos e o reconhecimento do sujeito desejante.

Os espelhos côncavos das esculturas de Anish Kapoor transgridem

porque, diferentemente da pintura, o objeto não se apresenta pronto, completo. A arte está no espaço entre o espelho e o espectador, ali onde está o olhar “... *tem algo de vertigo que necessita que o espectador adentre no objeto. Isso é o que me interessa, como um momento de temor, como um momento de perigo estático*” (Kapoor, 2016).

Também o desejo, segundo a psicanálise lacaniana, não se define pelo apoderamento do objeto, antes se move na direção do reconhecimento no desejo do Outro, na instância do imaginário. Neste registro, o do imaginário, estão os sentimentos de amor, ódio e agressividade, recalçados. Este conteúdo recalçado acompanhará toda trajetória pulsional do desejo que se movimenta na articulação dos

significantes, culminando com a formação do significado pelo atravessamento da linguagem.

Nesta perspectiva, a da busca de satisfação, de sentido para o eu desejante, que efeitos se produzem no envolvimento entre o espectador e a arte?

ARTE E PSICANÁLISE

Quando um artista produz uma obra de arte, ele o faz com os elementos do seu próprio inconsciente e apreende algo que subjaz do objeto com o qual trabalha. Assim, pensamos que, ao contemplar uma obra de



arte, o espectador depara-se com uma parte inconsciente do autor. Ora, o espectador também é um sujeito movido pelo desejo inconsciente. Desejo que no campo do imaginário, onde as fantasias são construídas, prosseguirá sempre na direção fantasística da satisfação, alienada, projetada num outro sujeito.

É no outro que o desejo se reconhece, se vê e isso produz efeitos.

Quando Anish Kapoor se utiliza de seus espelhos côncavos, permite que aconteça um diálogo entre a obra de arte e a projeção do desejo do espectador. Kapoor, em entrevista, assinala a posição primordial do espectador para a sua obra: *“Creio que sem o espectador o trabalho não pode completar-se. Estamos comprometidos criativamente, porém, esse ato, necessariamente, nos envolve em uma série de perguntas que podem ser ou não verbais. Podem estar em nossos corpos, em nossas memórias, em nossos cotovelos, se quiseres”* (Kapoor, 2016).

Cria-se nesse processo uma tensão criativa, em que a fala do outro retorna o que foi projetado, num movimento constante de balança na construção da subjetividade pela via da linguagem. Nessa perspectiva, afirma Lacan:

(...) o desejo, alienado, é perpetuamente reintegrado de novo, reprojetoando no exterior o Ideal-Ich. É assim que o desejo se verbaliza. Há aí um jogo de balança entre duas relações invertidas. A relação especular do ego, que o sujeito assume e

realiza, e a projeção, sempre pronta a ser renovada, no Ideal-Ich (Lacan, 1986, p.201).

A arte, como linguagem, torna possível tocar o indizível, o irrepresentável do desejo. A sugestibilidade que a obra de arte apresenta na instância do sensível permite ao espectador o desdobramento da fantasia.

No processo de observação e comunicação com a arte, o espectador também experimenta o desejo de criar, de efetivar algo na direção do prazer, satisfação pulsional, que visa exteriorizar a tensão que emerge do olhar e se reconhecer no objeto visto.

Pode-se pensar a arte como uma via para se refazer uma imagem ou uma ideia ou um sentimento para ser exposto ao outro numa forma perceptível e sugestiva. Desta forma, a arte faz a transcendência do objeto como o sonho no processo metonímico consegue dizer sobre o desejo e suas articulações.

A experiência da observação da escultura de Kapoor dialoga com os aspectos característicos das vivências urbanas, pois apreende em si a imagem do espectador, trazendo a percepção da matéria em constante

transformação e deixando suspensas as palavras numa delicada relação de equilíbrio que parece, sim, dizer com os vazios daqueles espaços que se interpõem nas esculturas.

A sensação do espectador é que as palavras são inaudíveis. Engendra-se aí algo da ordem do sujeito desejo, pois à luz da psicanálise o desejo manifesta-se na ausência do cogito. Assim como a psicanálise demonstra que não há representação para o desejo, a arte de Kapoor não tem precisão na cena artística, pois ela vai se constituir só com a presença do espectador e com as mudanças contingentes do ambiente. Tudo é um advir como a própria vida em sua imprevisibilidade, como a construção incessante da subjetividade humana.

O grande desafio para o artista é se confrontar consigo mesmo, ser norteado por sua energia pulsional, dizer de si, não com palavras, mas com a matéria resistente, esculpida, recriada até poder dela algo escutar. Mas, de quem se escuta, se somente diante do outro é possível se reconhecer?

É necessário alienar-se no outro para se perceber. Ao contemplar uma obra de arte, o que nela repercute em nós, provavelmente, é algo pertencente tanto ao artista quanto ao espectador. Algo concernente a todo humano, algo sexualizado.



A arte é como uma fresta por onde vemos e escutamos resquícios da nossa própria interioridade. Cadeia de significantes aproximando-se do simbólico, acentua a diferença, ressalta a falta e o desejo relativo que dela surge. Neste ponto, o objeto de arte já não é mais apenas um objeto. Ascendendo à categoria do simbólico, tornou-se linguagem e, como tal, pode dizer da castração. Numa relação dialética, espectador e artista encontram-se justamente naquilo que lhes falta. Como relata Quinet (2011, p.93), “*É justamente por haver uma falta inscrita no Outro que o Outro diz respeito ao desejo do sujeito, pois é ao nível do que falta no Outro que sou levado a buscar aquilo que me falta – o que me falta como desejo de meu desejo*”.

Todo desejo humano é desejo de ser reconhecido pelo Outro e isso mobiliza para as relações intersubjetivas. Colocar a imagem do espectador num plano perceptível é lhe dar a possibilidade de se reconhecer no valor do Outro. Poder ver a imagem da cena urbana refletida, distorcida também significa ter a possibilidade de recriar a relação com os espaços que habita; é ser estimulado a repensar a posição em que nos colocamos no cotidiano; é ser provocado a questionar o caráter utilitário e descartável das relações sociais. Neste ponto, temos a arte em seus efeitos: desconstruir padrões, sensibilizar, abrir novas percepções.

Afinal, após atravessar a fantasia, o que resta é a liberdade de, sabendo o Outro como um

ser que traz a falta do objeto perdido e impossível de ser alcançado, e nele se reconhecendo, poder refazer a trajetória da satisfação possível na condição humana; é preservar a autonomia e a singularidade, mesmo no contexto contemporâneo com todos os apelos de superficialidade, isolamento individualista, consumismo injustificado.

Não sem um sentido, a escultura eleita para esta reflexão – *Cloud Gate* – sugere que sonhar, desejar faz-se necessário para sustentar a reinvenção do desejo. À semelhança com a psicanálise, a arte de Anish Kapoor é uma via de comunicação fecunda, onde o sujeito reconhece-se como um ser desejante e é provocado a reinventar-se nas suas relações com o mundo.

REFERÊNCIAS

Cloud Gate (2016). Imagem disponível em: <<http://blog.aws.org/cloudgate/>>. Acesso em 03 de setembro de 2017.

Cloud Gate (2016). Imagens disponíveis em: <<http://dangerousintersection.org/2008/08/28/cloud->

-gate-chicagos-big-egg-sculpture-at-mil-lenium-park/>. Acesso em 03 de setembro de 2017.

Kapoor, Anish (2016). Entrevista disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=bhfgZOGnBQ>>. Acesso em 24 agosto 2017.

Lacan, Jacques. (1954). *O Seminário – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

Lacan, Jacques. (1958). *O Seminário – Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Nasio, J. D. (1942). *9 Lições sobre Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Quinet, Antonio. (1951). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, outubro de 2017
Publicado originalmente em outubro de
2017 em www.gpal.com.br

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

